O MENINO SEM AURÉOLA — O QUE NOS DIZ ESTA IMAGEM?
à luz da *Redemptoris Mater*

Há muito tempo me intrigava o fato de que, ao deter-me diante da imagem de "Maria Santíssima, Mãe da Divina Providência" (*Mater Divinae Providentiae*), atribuída a Scipione Pulzone — artista ligado ao ambiente artístico romano pós-tridentino — percebo a ausência de auréola ao redor da cabeça do Menino Jesus. [1] À primeira vista, tudo está "como deve ser": o rosto de Maria é sereno e terno, a composição é simples, clara — daquelas que não distraem, mas conduzem à oração. E só depois de um momento se nota o detalhe: Maria tem um nimbo delicado (auréola), enquanto o Menino Jesus — não.

Alguém poderia perguntar: "será um erro?". No entanto, na arte sacra o nimbo não é um "rótulo obrigatório de santidade", mas uma linguagem. Essa linguagem pode ser literal (um círculo dourado), mas também pode ser discreta: fala por meio da luz, do gesto, do olhar, do silêncio. Após o Concílio de Trento, valorizavam-se especialmente imagens de mensagem imediatamente compreensível, capazes de despertar a piedade sem exagero nem teatralidade; Pulzone é frequentemente descrito justamente nesse sentido — como criador de formas claras, subordinadas à legibilidade orante. [2]

A resposta mais profunda, porém, surge quando se contempla a imagem não apenas com os olhos de um esteta, mas com os olhos de um discípulo: como que "por dentro" do Evangelho — e à luz do que São João Paulo II escreveu na encíclica *Redemptoris Mater*. [3]

O Papa nos conduz ao Gólgota — ao momento que ele chama explicitamente de "testamento da Cruz". Ali Jesus diz a

Maria: "Mulher, eis o teu filho", e ao discípulo amado: "Eis a tua mãe". [4] João Paulo II sublinha que não se trata apenas de um gesto de cuidado para com a Mãe, mas da instituição de um novo vínculo e de uma nova maternidade de Maria: a partir daquele momento, Maria é "dada" aos discípulos — a cada um e a todos — como Mãe. [3]

E aqui surge a chave particularmente próxima da interpretação que fala da "ausência de auréola". O Papa observa que as palavras da Cruz foram pronunciadas no singular — dirigidas a uma única pessoa. Não é por acaso, mas um sinal de que a maternidade de Maria tem uma dimensão pessoal: toca um "tu" concreto, e não apenas uma "multidão de crentes" anônima. [3]

É precisamente por isso que a tradição cristã repete com tanta frequência: cada discípulo pode colocar-se no lugar de João, cada um pode ouvir no coração "Eis a tua mãe" — e "acolhê-la em sua casa". [3]

Nessa perspectiva, a imagem começa a "falar" de modo diferente. O Menino sem auréola não precisa significar diminuição de sua santidade. Pelo contrário: pode ser um convite para ver nessa cena a própria infância espiritual — o lugar preparado para o discípulo que Jesus confia à Mãe. Como sugere essa interpretação, o artista pode ter deixado intencionalmente esse espaço para que cada um pudesse reconhecer-se como filho confiado a Maria. O Menino sem auréola torna-se, em certo sentido, um "lugar" para mim e para ti: para aquele que acolhe o dom da maternidade de Maria.

Isso nos conduz diretamente ao que João Paulo II chama de maternidade espiritual "na ordem da graça": ela nasce do mistério pascal e permanece ligada ao dom do Espírito Santo — pois é o Espírito quem nos faz novos filhos de Deus, redimidos em Cristo. [3]

Assim, Maria não é uma Mãe "substituta" ao lado de Deus, mas Mãe no sentido de que, no plano da salvação, ajuda-nos a acolher a vida da graça: conduz-nos a Cristo, ensina-nos a fé e a adesão à vontade de Deus — assim como ela mesma aprendeu ao longo de todo o seu caminho. [3]

Então, a ausência de auréola torna-se não uma "falta", mas uma mensagem: a santidade de Jesus não precisa de um sinal externo, pois se revela no amor que se humilha — na proximidade, na ternura e na entrega. E Maria — Mãe da Divina Providência — olha para o Menino com tal delicadeza como se dissesse: "Isto não é apenas uma cena de dois mil anos atrás. É a história da Igreja. É também a tua história".

Talvez seja por isso que essa imagem toca tão profundamente: ela conduz ao ato de que fala a encíclica — "acolher Maria em sua casa". [3] Ou seja, permitir que sua presença materna na ordem da graça se torne algo real: na oração, na vida cotidiana, nas escolhas.

Robert Kosek CRSP

[1]https://catalogo.fondazionezeri.unibo.it/scheda/opera/32149/Pulzone%20Scipione%2C%20Madonna%20con%20Bambino
[2]https://www.collezionegalleriaborghese.it/opere/madonna-con-bambino-9
[3]https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pl/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html
[4] (dla J 19,26–27 – tekst online) https://biblia.deon.pl/rozdzial.php?id=358